



**A CASA**  
**WARLEY MATIAS DE SOUZA**

**Warley Matias de Souza**

**A CASA**

Souza, Warley Matias de, 1974-  
A casa / Warley Matias de Souza. –  
3ª ed., 2026.

ISBN 978-65-01-98814-6

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD-028.5

A CASA

*Copyright* © 2026 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

Ilustrações: geradas por IA

(Obra revista pelo autor em 2026)

# A CASA



Eu era uma casa nova e bonita.

Para as minhas casas vizinhas, isso era o bastante, eu não devia desejar mais do que isso.

Mas eu não me contentava em ser apenas uma casa nova e bonita.

Eu queria mais, muito mais.

Oh, eu queria conhecer o mundo!

Mas eu era apenas uma casa e, como qualquer outra, estava condenada à imobilidade total e absoluta.

# O RELÓGIO



Pontual era um grande, velho e cansado relógio de parede.

Às vezes, seu tique-taque ficava lento... lento... até parar. Então, mandavam o velho Pontual para o hospital dos relógios, a relojoaria. E o médico especialista em relógios, o relojoeiro, fazia Pontual ficar novinho em folha. Pontual voltava com a madeira brilhando e um tique-taque perfeito!

E começava logo a tiquetaquear:

— O Tempo nunca para — disse-me ele. — Seu tique-taque é infinito.

— O senhor já viu o Tempo? — eu quis saber.

— Casa, ninguém nunca conseguiu ver o Tempo.

— Ué! — exclamei. — E como sabe que ele existe?

— Ora, Casa, posso ouvir o tique-taque do Tempo.

— Mas, senhor Pontual, por que é que não ouço o tique-taque do Tempo?

Pontual não precisou pensar muito para responder:

— Para você ouvi-lo, tem que prestar muita, muita atenção!

Fiquei em silêncio, prestando muita atenção; mas não consegui ouvir nada.

Pensei, então, que Pontual estava caduco e não sabia o que falava.

Tive pena dele, estava muito velho o pobrezinho.

Fiz de conta que acreditava:

— Oh, sim! — exclamei. — Acho que realmente posso ouvir o tique-taque do Tempo!

— Mais alguma pergunta? — quis saber Pontual, querendo tiquetaquear mais.

— Oh, não! Muito obrigada! — agradei e encerrei a conversa.

Um dia, a terra levemente estremeceu.

Pontual caiu da parede, e seu tique-taque parou.

Ele foi levado para o hospital dos relógios e nunca mais voltou.

Comecei, então, a ouvir o tique-taque do Tempo.

# A ANTENA



Parabólica não era uma antena qualquer, era uma antena mística!

— Eu queria conhecer o mundo — disse-lhe eu.

— O seu mundo, Casa, é a terra em que você está fincada para sempre — disse-me ela. E completou, suavemente: — O seu mundo, Casa, é aquilo que você pode sentir.

— E o que existe além do meu mundo? — perguntei.

E Parabólica, com uma vozinha doce:

— Há muito mais do que você pode imaginar!...

Insisti:

— Conte-me, Parabólica! Conte-me o que vê!

E ela, enigmática, disse:

— Vejo luzes intensas!

E eu, curiosa:

— E o que ouve?

E ela, paciente:

— Ouço o Universo!

— E o que... e o que ele diz?

Ficou em silêncio.

— O que diz? — insisti.

Então, falou:

— Ele diz...

Eu, ansiosa:

— Diga-me, por favor! Diga-me!

— Ele diz... — repetiu.

E sua voz transformou-se em uma vozinha infantil:

— Você é o cachorrinho mais bonitinho que já vi!

— O quê!?

Parabólica estava captando um desenho animado.

Era sempre assim. Quando ela estava prestes a me contar os seus segredos, uma transmissão qualquer tomava conta dela.

E eu ficava muito confusa, pois eu tinha dificuldade em separar o mundo de verdade do mundo da fantasia.

# O CHUVEIRO



Dudu era um velho chuveiro cinza que não tinha outra ambição na vida além de ser útil.

Morria de medo de ser trocado por um chuveiro novo, que fosse melhor e jorrasse mais água do que ele.

Dudu vivia deprimido!

— Chuááá...

— Por que chora, Dudu? — perguntei.

— Ouvi dizerem que inventaram um chuveiro fenomenal — respondeu-me Dudu. — Tenho medo, Casa, tenho muito medo de que me troquem por esse chuveiro fenomenal.

— E o que esse chuveiro fenomenal faz? — perguntei.

— É que ele... ele sabe obedecer a ordens.

— Como assim? — eu quis saber.

— É só dizer “Liga!”, e ele liga — contou-me Dudu. — É só dizer “Desliga!”, e ele desliga. Aiii... Chuááá... Estou com meus dias contados.

— Não acredito nisso, Dudu — tentei tranquilizá-lo. — Só pode ser mentira.

— Você acha mesmo, Casa!?

— Quem lhe contou isso, Dudu? Diga-me quem foi.

— Foi o Vento. E ele sabe tudo. Aiii... Chuááá... Ele ouve tudo. Chuááá... Ele sabe tudo.

Dudu estava tão perturbado que não conseguia parar de chorar.

— Dudu, acalme-se! — falei.

Mas o coitadinho continuou a sofrer e a chorar.

Até que não suportou mais e parou de funcionar, irremediavelmente.

Em seu lugar, colocaram um chuveiro cinza novo, que não tinha nada de fenomenal.

# O VENTO



O Vento é muito arredio! Passa zunindo... e não dá atenção para ninguém.

— Senhor Vento! — eu chamava-o.

E ele silenciava. Nem uma brisinha sequer, só o silêncio.

Então, um dia, desafiei-o, mexi com a sua vaidade.

— Disseram-me que o Vento sabe tudo! — gritei. — Que mentira! O Vento não sabe nada!

Por um momento, arrependi-me. O Vento ficou furioso e começou a soprar forte...

— Quem ousa me desafiar?!... — perguntou, irado.

E soprava:

— Fuuuuuuuuuu!...

— Senhor Vento! — gritei. — Pare de soprar! Não precisa ficar zangado. Só quero conversar.

Ficou ainda mais irritado.

— Sou muito ocupado! — disse. — Não tenho tempo para conversa.

— É por isso que é tão solitário — falei. — O senhor precisa ser mais sociável, fazer amigos. Sem amigos, não somos nada.

— Sua casa tola! Acha que sabe tudo?

— Não, senhor Vento. É porque sei pouco que preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda? — perguntou, surpreso. — Ninguém nunca pediu minha ajuda. Muito pelo

contrário. Todos querem me ver longe! Dizem que faço estragos de mais.

— Senhor Vento...

Interrompeu-me:

— Eu alimento a fúria do mar!... Eu atijo o fogo que queima florestas!...

E ameaçou:

— Eu derrubo casas!...

No entanto, não conseguiu me assustar.

— Senhor Vento, eu queria conhecer o mundo, ver coisas diferentes, aprender coisas diferentes. Tenho muita sede de conhecimento. Mas não posso sair daqui. Sou uma casa, fincada no chão até o fim.

— O que quer que eu faça, que eu a leve comigo? — disse ele, a zombar de mim. — É só o que me faltava.

— Não, senhor Vento. É que, como o senhor conhece o mundo inteiro, talvez possa me contar como ele é.

— Se você conhece um pedaço do mundo, conhece o mundo inteiro — respondeu-me, entediado. — Em qualquer parte do mundo, tudo é igual.

— Igual!?

— Principalmente as casas. São todas iguais, ou seja, são todas burras!

— Isso não é verdade! — exclamei.

— Tudo bem, talvez você não seja tão burrinha assim. Mas veja as suas vizinhas. Você já conversou com elas?

Tive que dar o braço a torcer, apesar de não ter braços:

— É verdade, senhor Vento, elas não conseguem me entender.

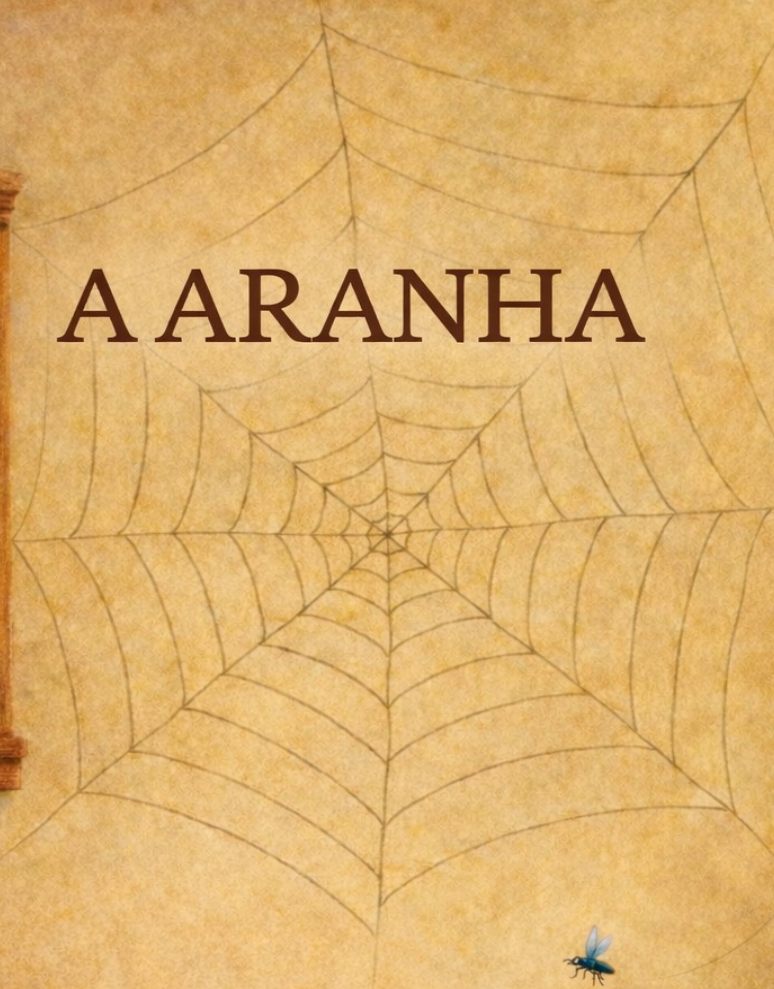
Ficou em silêncio.

— Senhor Vento! — gritei. — Por favor, preciso saber mais!

— Casa, conforme-se com a sua sorte — falou. — Se continuar assim tão curiosa, vai sofrer muito.

E ele nunca mais quis falar comigo, por mais que eu insistisse.

# A ARANHA



Aracnita estava tecendo sua teia, em silêncio, quando lhe perguntei:

— Aracnita, você não se cansa de fazer sempre a mesma coisa?

— Não — respondeu.

— Você só sabe fazer e refazer sua teia! — falei, um tanto indignada. — Desculpe-me pela intromissão; mas você não acha que a vida pode lhe oferecer muito mais do que isso?

Ela então parou, pensativa. E, depois de um momento de silêncio, respondeu:

— Não.

— Você não tem vontade de conhecer outros lugares?

— Não — respondeu.

E continuou seu trabalho.

Então, calei-me.

De repente, ouvi Aracnita dizer:

— O mundo lá fora é muito perigoso.

— O que disse? — perguntei.

Aracnita estava descansando.

— Minha falecida mãe dizia-me: “Minha querida filhinha, nunca se aventure a passear lá fora, pois jamais voltará!” — falou Aracnita.

— Mas o perigo está em todo lugar — afirmei.

— Mas é mais fácil sobreviver quando conhecemos o lugar em que moramos — retrucou.

— Pois quando pressentimos o perigo, sabemos onde nos esconder.

Um mosquito ficou preso na teia de Aracnita.

Ela exclamou, satisfeita:

— Estou com sorte!

E caminhou em direção ao mosquito capturado.

Comecei uma pergunta:

— Não tem curiosidade de saber...

Ela não me deixou terminar. Cortou minha fala com um seco e definitivo:

— Não.

Aracnita era uma aranha que, definitivamente, não gostava de uma boa conversa.

Coitada! Um dia, uma vassoura passou e... vapt!... varreu-a para sempre.

# A LAGARTIXA



Alvinha era uma lagartixa idosa, que, tão lenta a pobrezinha!, tinha sorte e sempre conseguia um inseto mais lento do que ela.

E, assim, ia vivendo...

Sua pele era alva e seus olhos eram extremamente negros.

— Estou tão velha! — disse-me ela, com sua voz cansada. — Já não tenho mais a ligeireza de outrora. Quando era jovem, nenhum inseto conseguia me enganar; eu pegava-o antes mesmo que ele me pressentisse.

E Alvinha ria sua risada de lagartixa idosa e cansada.

— Dona Alvinha, a senhora deve ter vivido um tantão!

— Sim, Casa, já passei por muita coisa — concordou, com um ar nostálgico.

— Então, diga-me — pedi, ansiosa. — Como é o mundo lá fora?

Alvinha ficou surpresa. E disse:

— Nunca, em toda a minha vida, fiquei longe de você, Casa! Nasci aqui e morrerei aqui.

— Mas por que, dona Alvinha? — perguntei. — Não tem curiosidade? Não quer saber o que existe lá fora?

— Já sei — afirmou.

— Sabe!?

Meu coração bateu acelerado.

— A morte — ela disse.

Fiquei decepcionada.

Alvinha explicou:

— Minha mãezinha, antes de falecer, alertou-me: “Minha querida Alvinha, lá fora, vivem terríveis predadores”.

— Mas como sua mãe sabia disso? — perguntei.

— A mãe dela contou-lhe — respondeu-me Alvinha.

— E a senhora nunca teve vontade de sair e ver se era mesmo verdade?

— Casa! — exclamou Alvinha, ofendida. — Eu jamais duvidaria de minha doce e saudosa mãezinha.

E encerrou o assunto.

# A BARATA



A barata Vitória parou, enigmática, como se estivesse pressentindo algo enigmático.

— Vitória! — chamei-a.

Vitória não respondeu.

Chamei-a novamente.

— Quem foi? — perguntou, alerta.

— Sou eu, a Casa — tranquilizei-a.

— Ah, é você. Não me distraia. Você está atrapalhando os sinais.

— Que sinais, Vitória?

— Os sinais. Só vive quem recebe e entende os sinais. Temos que estar sempre atentas — disse. E, com orgulho, declarou: — Sabia que as baratas estão na Terra há milhões e milhões de anos? Isso porque recebemos e entendemos os sinais.

— Por que vive correndo e se escondendo? — perguntei.

— Ora! Porque, senão, eles me pegam — disse ela.

— Quem? — eu quis saber.

— Ora, os inimigos, os predadores!

— Quem são os predadores, Vitória?

— Oh, são muitos. O pior deles é o chinelo. Num vapt!... crac!... era uma vez a pobre Vitória. Não podemos confiar em ninguém. Ninguém!

Ela falava tão rápido que eu quase não conseguia entender suas palavras.

- Preciso ir — ela disse.
- Para onde? — perguntei.
- Preciso me esconder.
- Mas não há nenhum inimigo por perto.

Gritou:

- Claro que há! Você não conhece os sinais!  
E, veloz, desapareceu.

Aquela barata tinha mania de perseguição.

Nem deu tempo de perguntar-lhe se ela captava os sinais do mundo lá fora.



# O MENINO



Lico, um menino alegre de pele morena, tinha cabelos e olhos pretos.

Eu via Lico correr pelo quintal e sentia uma vontade imensa de poder fazer o mesmo.

Ah, eu queria ter pernas para sair por aí... Mas isso era um sonho impossível!

Lico não conseguia me ouvir. Mesmo assim, eu sempre falava com ele, na esperança de, um dia, ser compreendida.

— Não esqueça, meu menino. Saia, veja o mundo e volte para me contar como ele é.

Os tique-taques do Tempo transformaram Lico em um homem.

E Lico foi embora.

Durante muitos e muitos anos, esperei que ele voltasse e me contasse as maravilhas do mundo.

Quando percebi que ele não mais voltaria, que nunca mais o veria, deixei a chuva inundar as minhas paredes e chorei.

# O TEMPO



Os tique-taques do Tempo transformaram-me em uma casa velha e abandonada.

Eu estava sem teto, e algumas paredes haviam caído.

As minhas paredes sobreviventes, enegrecidas pelo abandono, sentiam a falta do rosa, do amarelo, do azul, do verde, das cores vivas do passado.

A solidão era grande, apesar de alguns seres mal-humorados que apareciam de vez em quando em busca de abrigo.

Um escorpião ficou zangado comigo quando lhe perguntei por que tinha um rabo tão grande.

E uma cobra ficou irada quando eu quis saber se ela não tinha medo de, por acidente, engolir o próprio veneno.

Definitivamente, não eram nem um pouco amigáveis.

Então, enquanto os tique-taques do Tempo se repetiam, eu, calada e solitária, sonhava com dias melhores e esperava sobreviver àqueles dias tão difíceis.

Até que, um dia, as coisas começaram a mudar.

Oh, eu estava sendo reconstruída!

E não demorou muito para eu voltar a ser uma bela casa.

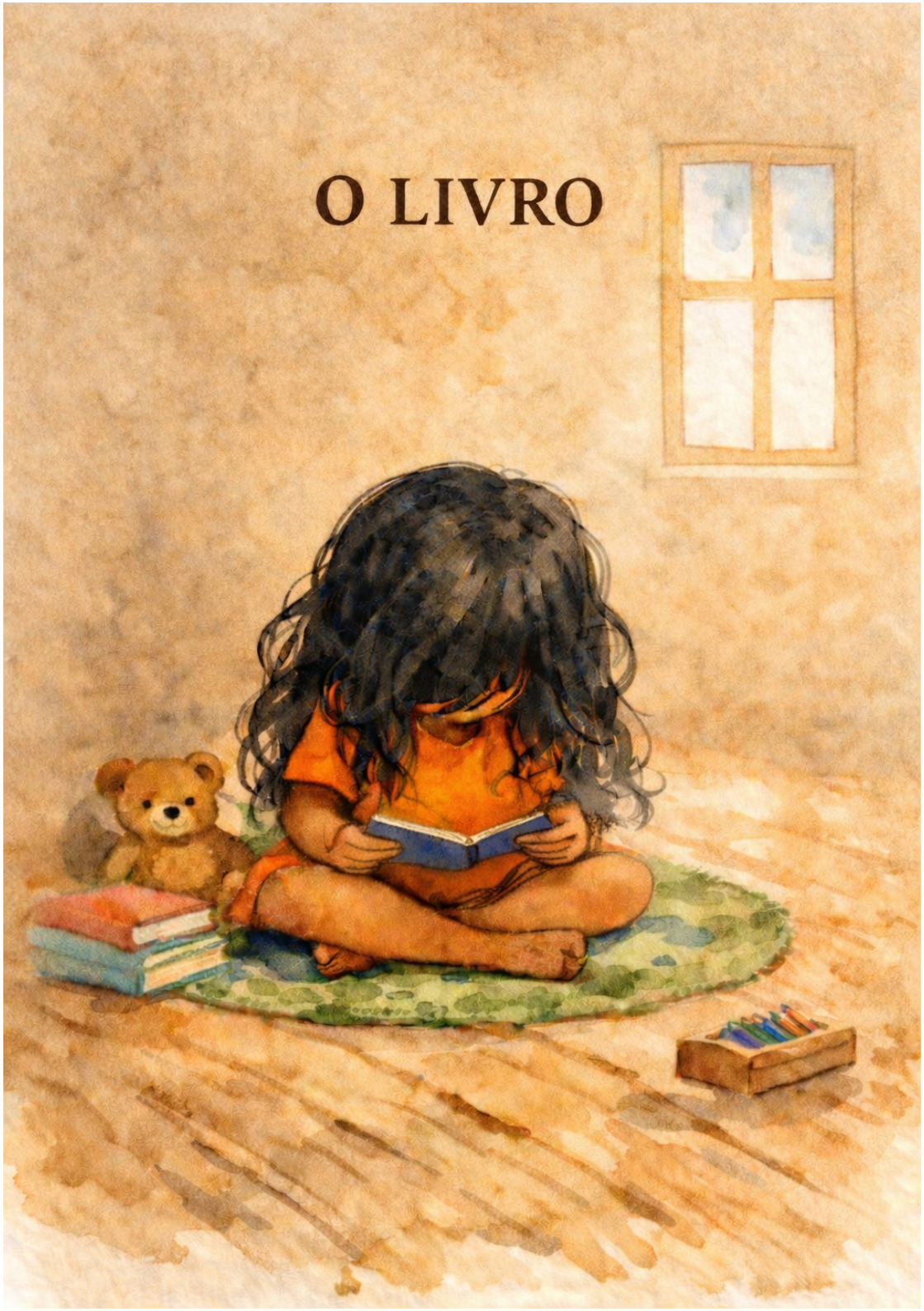
Fiquei novinha em folha.

Porém, os novos muros que me cercavam eram muito mais altos; e, em torno de mim, prédios gigantescos isolavam-me totalmente do resto do mundo.

Tornei-me, então, uma casa triste e perdi a esperança.

Sem ânimo para viver, adormeci, profundamente.

# O LIVRO



Um dia, a voz de uma menina despertou-me.

A menina estava sentada no chão. Segurava um livro em suas mãozinhas morenas. Sua cabeça estava baixa, e seu rosto estava oculto pelos seus longos cabelos negros.

A menina lia, em voz alta, as palavras daquele livro.

O livro contava a história de uma casa, uma casa que não se conformava em ser apenas uma casa nova e bonita, uma casa que queria mais, muito mais.

Na história contada pelo livro, havia também um sábio relógio, uma antena mística, um chuveiro chorão, o Vento arredio, uma aranha muito ocupada, uma lagartixa idosa, uma barata desconfiada, um menino alegre, um escorpião e uma cobra mal-humorados, e uma menina que lia as palavras de um livro, um livro que contava a história de uma casa, uma casa que, ao acordar depois de um longo sono, voltou a ter esperança.